

**Fitoterapia Familiar no Assentamento Madre Cristina (Ariquemes,  
Rondônia)****Family Phytotherapy at Madre Cristina Settlement (Ariquemes,  
Rondônia)**

DOI:10.34117/bjdv6n11-406

Recebimento dos originais: 19/10/2020

Aceitação para publicação: 19/11/2020

**Andreza Cherute Maia**

Licenciada em Ciências Biológicas  
Sítio BR 421, km 42, Lote 42, GB. 53, Monte Negro/RO, 76888-000  
E-mail: andreza.c.maia@hotmail.com

**Thaysa Débora Silva Queiroz**

Licenciada em Ciências Biológicas  
Equilíbrio Proteção Florestal LTDA  
Rua Odonaldo Ferreira Dutra, 353, São Carlos, Três Lagoas/MS, 79621-130  
E-mail: thaysa.debora@hotmail.com

**Alessandro Eleutério de Oliveira**

Doutor em Educação  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina/ Câmpus São Miguel  
do Oeste  
Rua Angelo Guardini, 86, apto. 04, São Jorge, São Miguel do Oeste/SC, 89900-000  
E-mail: alessandro.oliveira@ifsc.edu.br

**Maysa Vera Matos**

Mestre em Genética, Conservação e Biologia Evolutiva  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia/ Câmpus Ji-Paraná  
Rua Rio Amazonas, 151, Jardim dos Migrantes, Ji-Paraná, 76900-310  
E-mail: maysa.matos@ifro.edu.br

**Samara Arcanjo-Silva**

Doutora em Botânica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais/ Câmpus  
Araçuaí  
Rua Salvador, 546, Vila Magnólia, Araçuaí/MG, 39600-000.  
E-mail: samara.silva@ifnmg.edu.br

**RESUMO**

O estudo da fitoterapia tem se tornado muito importante na atualidade, uma vez que possibilita a descoberta de novas substâncias com potencial medicinal e industrial. Dentro desse contexto, a sabedoria popular proveniente da transmissão dos conhecimentos tradicionais entre as gerações desempenha um papel fundamental. O objetivo desse trabalho foi realizar um levantamento das plantas com finalidade medicinal utilizadas pelas famílias do Assentamento Madre Cristina, em Ariquemes (RO), contribuindo para o conhecimento e a valorização da sabedoria popular. Para isso, foram realizadas entrevistas com famílias residentes no

assentamento e amostras das plantas listadas foram coletadas para identificação taxonômica e herborização. Foram obtidas 249 citações sobre o uso de plantas para fins medicinais, totalizando 76 espécies, distribuídas em 39 famílias botânicas, empregadas para tratar 72 enfermidades, dentre as quais as mais comuns são do aparelho respiratório, infecções, problemas hepáticos e doenças do sangue. Foram constatadas 9 formas de uso, sendo as folhas e a periderme do caule as partes vegetais mais utilizadas. Dentre as espécies citadas, *Hymenolobium alagoanum* Ducke, *Virola mollissima* (A. DC.) Warb., e *Quina glaziovii* Engl. se destacaram pela carência de relatos na literatura sobre seu uso curativo. Os resultados demonstram a importância da valorização e da preservação do saber popular, além da necessidade de novas pesquisas que possam comprovar as eficácias terapêuticas relatadas.

**Palavras-chave:** Conhecimento popular, Plantas medicinais, Comunidades rurais.

### **ABSTRACT**

Studies on phytotherapy has become very important nowadays, since it allows the discovery of new substances with medicinal and industrial potential. In this context, popular wisdom plays a fundamental role, since this wisdom comes from the traditional knowledge transmission between generations. This study aimed to perform a survey of plants used for medicinal purposes by families of the Madre Cristina settlement, at Ariquemes (RO), contributing to knowledge and appreciation of popular wisdom. Interviews with families living in the settlement were conducted, and samples of the listed plants were collected for taxonomic identification and herborization. A total of 249 citations were obtained on the use of plants for medicinal purposes, totaling 76 species, distributed in 39 botanical families. These species are used to treat 72 diseases, among which the most common are respiratory tract diseases, infections, liver problems, and blood diseases. There were 9 forms of use, in which leaves and periderm of stem are most used plant parts. Among the species mentioned, *Hymenolobium alagoanum* Ducke, *Virola mollissima* (A. DC.) Warb., and *Quina glaziovii* Engl. were highlighted by the lack of reports in literature on their curative use. The results demonstrate the importance of appreciation and preservation of popular wisdom, and also a need for new research that prove the therapeutic efficacy reported.

**Keywords:** Popular knowledge, Medicinal plants, Rural communities.

## **1 INTRODUÇÃO**

O uso de plantas para fins medicinais remonta à pré-história. A vida nessa época não era nada fácil. Caçar era uma tarefa complexa que contribuiu para que o ser humano passasse a fazer uso de vegetais na alimentação. Assim, conhecendo diversas plantas e relacionando o efeito do seu uso à cura de doenças, tornou-se possível a descoberta das propriedades fitoterápicas e do valor medicinal das mesmas (LEITE et al., 2015). Tais descobertas foram descritas e transmitidas de geração em geração e, com o desenvolvimento intelectual do ser humano, possibilitaram o surgimento da prática da “cura” por meio das plantas, que se tornou alicerce para o nascimento da medicina (SILVA et al., 2010).

O primeiro registro sobre o uso de plantas medicinais no Brasil advém de 1587 e foi realizado por Gabriel Soares de Souza em seu Tratado Descritivo do Brasil, onde expõe os

produtos curativos usados pelos índios (CARRARA JR e MEIRELLES, 1996). Contudo, a comercialização de medicamentos fitoterápicos, provenientes de princípios ativos encontrados nos órgãos das plantas, só foi legalizada em 2000, pela Resolução de Diretoria Colegiada (RDC) n° 17 (BRASIL, 2000), e estimulada a partir de 2009, com a publicação de uma lista de 71 plantas medicinais e suas potencialidades terapêuticas pelo Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos do Ministério da Saúde (BANDEIRA, 2014).

Atualmente, os medicamentos fitoterápicos constituem uma rica fonte de tratamento e podem ser considerados mais acessíveis economicamente e de fácil obtenção, se comparados a outros métodos (CRUZ e ALVIM, 2013). O desenvolvimento deste setor e da indústria farmacêutica, de modo geral, tem grande relação com o avanço dos conhecimentos acerca das plantas medicinais, cuja importância é reconhecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) desde 1978 (ALONSO, 1998).

Estima-se que grande parte da flora brasileira possui alguma propriedade medicinal (CASTRO e GAVILANES, 2000). Populações tradicionais (indígenas, caiçaras, ribeirinhas e quilombolas) e comunidades rurais detêm conhecimentos expressivos sobre o uso medicinal da flora, aliando seu uso à preservação das fontes vegetais e da biodiversidade (PRANCE, 1991; COSTA, 2013). Nestas populações, o conhecimento empírico é comumente transmitido entre as gerações, de modo que os membros mais velhos geralmente ensinam o saber adquirido aos mais jovens por meio do convívio, da execução de tarefas cotidianas e da observação das práticas medicinais (AMOROZO, 1996), que, em muitos casos, consistem no único recurso medicinal (CAMARGO, 1985; SILVA e HAHN, 2011). Entretanto, tais conhecimentos têm sido ameaçados pela perda de identidade das sociedades indígenas e rurais, além da devastação ambiental e de avanços industriais, como o desenvolvimento de novos medicamentos (VICENTE, 1994; LORENZI e MATOS, 2002; PIRES et al., 2009).

Diante desse cenário, pesquisas voltadas para a compreensão da relação ecológica homem-planta têm ocupado lugar expressivo no âmbito científico. Essa relação é conhecida como “etnobotânica” e pode ser definida como a afinidade estabelecida entre os grupos humanos e a flora, em suas diferentes feições, inclusive com finalidade medicinal (CARNIELLO, 2007).

Tais estudos etnobotânicos, tanto com populações tradicionais quanto com comunidades rurais, são de grande importância para a valorização do conhecimento popular e o fornecimento de subsídios para pesquisas fitoquímicas e farmacológicas que buscam evidências sobre novas substâncias oriundas de vegetais que possam ser empregadas para fins médicos e industriais (MACIEL et al., 2002; ALBUQUERQUE, 2005).

Dessa forma, o objetivo deste estudo consistiu no levantamento etnobotânico dos recursos vegetais utilizados para finalidades medicinais por famílias residentes no Assentamento de reforma agrária Madre Cristina, localizado na zona rural de Ariquemes/RO, verificando suas indicações terapêuticas, posologia e procedência, a fim de contribuir para o incremento dos conhecimentos acerca de plantas medicinais, além da valorização e proteção da sabedoria popular desta comunidade.

## **2 MATERIAL E MÉTODOS**

O estudo foi desenvolvido no Assentamento de reforma agrária Madre Cristina, no município de Ariquemes/RO. O assentamento está localizado a cerca de 16 km do perímetro urbano de Ariquemes, na rodovia RO-257, TV. B-65, km 16, localidade das antigas fazendas Tupy I e II, nas coordenadas geográficas 9°53'34.53"S e 62°54'01.66"O. Este assentamento foi criado pelo decreto federal nº 202, de 16 de agosto de 2006, sob o código SIPRA RO0169000, com aproximadamente 900 hectares de área (BRASIL, 2007; LOPES et al., 2013), cuja vegetação nativa corresponde à floresta Amazônica. Inicialmente, 42 famílias reivindicavam o direito de posse da terra e, atualmente, 36 famílias são proprietárias de terra no local.

O levantamento de dados se deu por meio de pesquisa-ação, em forma de intervenção, através de entrevistas com o uso de questionário semiestruturado com perguntas de cunho socioeconômico, cultural e religioso, além daquelas relacionadas ao uso de plantas medicinais. As informações obtidas foram organizadas em forma de tabelas e gráficos, respeitando a linguagem e os termos utilizados pelos entrevistados. Previamente à sua execução, o projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), conforme o certificado de apresentação para apreciação ética 71227317.6.0000.5653 aprovado pelo parecer consubstanciado nº 2.423.664.

Após aprovação pelo CEP, foi realizada uma reunião com as famílias residentes no assentamento, a fim de expor o objetivo e a importância do estudo. Também foi esclarecido que as identidades dos participantes seriam mantidas sob sigilo, conforme previsto na Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466, de 12 de dezembro de 2012 (BRASIL, 2013). As famílias interessadas em participar da pesquisa foram cadastradas e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

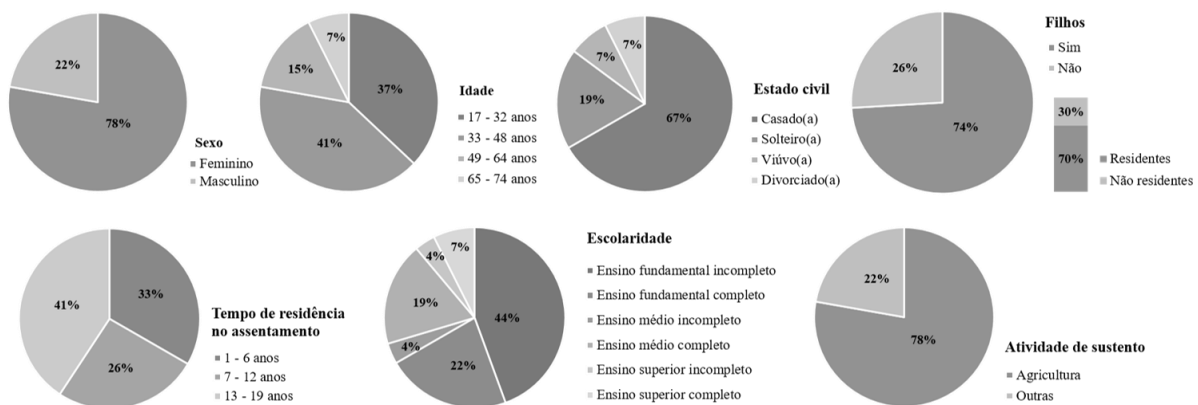
No momento das entrevistas, ocorridas entre setembro e dezembro de 2017, também foram realizadas turnês guiadas pelos moradores para obtenção dos registros fotográficos e coleta dos materiais botânicos para identificação taxonômica das espécies e posterior

herborização, conforme as técnicas usuais descritas por Fidalgo e Bononi (1989). As exsicatas encontram-se preservadas em coleção específica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, *Campus Ariquemes*.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo teve boa aceitação pelos moradores do assentamento de reforma agrária Madre Cristina, os quais demonstraram interesse pela pesquisa e colaboraram com a transmissão de seu conhecimento de forma interativa no decorrer das entrevistas. Das 36 famílias que integram o assentamento, 27 participaram da pesquisa (75%), 06 não residem no local – portanto, não foram entrevistadas – e 03 optaram por não participar (8%). A idade dos entrevistados variou entre 17 e 74 anos e houve predominância de participantes do sexo feminino (78%), casados (67%) e com filhos (74%), dentre os quais 70% residem com os pais no local. A maioria das famílias mora no território do assentamento há mais de 13 anos (41%), e possui a agricultura como principal forma de sustento (78%), seguidas por recursos advindos de aposentadorias, vínculos empregatícios a empresas privadas, e a serviços por modalidade sazonal (22%). Em relação à escolaridade, observou-se que a maioria possui ensino fundamental incompleto (44%) e poucos concluíram o nível superior (7%) (Figura 1).

**Figura 1.** Dados sociológicos dos moradores entrevistados em levantamento etnobotânico de plantas medicinais no Assentamento de reforma agrária Madre Cristina, em Ariquemes/RO



Fonte. Elaborado pelos autores

Quanto ao uso de plantas medicinais, observou-se que a maioria das famílias entrevistadas (81%) utiliza algum tipo de planta com finalidade curativa. Dentre as principais justificativas para o uso foram citadas: motivação cultural (50%), baixo preço (18%) e fácil acesso (18%). Ao serem questionados sobre a origem do conhecimento a respeito das propriedades curativas das plantas medicinais utilizadas por eles, mais de 90% dos

entrevistados afirmaram que esta prática é habitual na família e que os conhecimentos foram transmitidos através das gerações, o que é comumente relatado em outros estudos da área (p. ex. SANTOS et al., 2008; COSTA, 2015) (Figura 2).

**Figura 2.** Uso de plantas medicinais e medicamentos alopáticos por moradores entrevistados em levantamento etnobotânico de plantas medicinais no Assentamento de reforma agrária Madre Cristina, em Ariquemes/RO



Fonte. Elaborado pelos autores

Os fatores culturais e sociais são imprescindíveis para a compreensão do uso de plantas com finalidade medicinal (DI STASI, 1995), além do fator financeiro (SANTOS et al., 2008). Tal como observado nesse estudo, a relação entre o baixo nível de escolaridade e o uso de plantas medicinais é comumente relatada na literatura (SANTOS et al., 2008; LIPORACCI e SIMÃO, 2013; RODRIGUES e ANDRADE, 2014) e, muitas vezes, está associada à vulnerabilidade financeira (SANTOS et al., 2008).

Em comunidades rurais, geralmente as plantas medicinais são utilizadas como o primeiro recurso para o tratamento de doenças pela maioria dos moradores (OLIVEIRA, 2008) e, frequentemente, os membros mais idosos detêm mais saber sobre suas aplicações (AMOROZO, 2002; LIPORACCI e SIMÃO, 2013), conforme observado nesta pesquisa (Tabela 1). Diante dessa realidade, a transferência dos conhecimentos ao longo das gerações se torna imprescindível como forma de preservá-los e de proteger a cultura e a identidade dessas comunidades, como ressaltado pelos próprios entrevistados neste e em outros estudos sobre o assunto (BOTSARIS, 1999; GONZALEZ, 2006).

**Tabela 1.** Média de espécies citadas por faixa etária pelos moradores entrevistados no Assentamento de reforma agrária Madre Cristina, em Ariquemes/RO

Faixa etária dos entrevistados	Total de espécies citadas por faixa etária	Média das espécies citadas por entrevistado
17 - 32 anos	31	3,1
33 - 48 anos	60	5,5
49 - 64 anos	35	8,8
65 - 74 anos	19	9,5

Fonte. Elaborado pelos autores



O uso de medicamentos alopáticos, isto é, medicamentos produzidos em doses pré-determinadas e em larga escala pelas indústrias farmacêuticas (BRASIL, 2010), associado ao tratamento com plantas medicinais também foi relatado pela maioria dos entrevistados. Contudo, tal associação foi apontada unicamente em situações de enfermidades de maior gravidade, como por exemplo, cardiopatias, diabetes avançado e problemas respiratórios graves. A minoria dos entrevistados afirmou que nunca utilizou e nem pretende utilizar medicamentos alopáticos (Figura 2). A associação de medicamentos fitoterápicos e alopáticos se deve, muitas vezes, à crença de que, por sua origem natural, os primeiros não implicarão em efeitos colaterais em caso de uso simultâneo com outros medicamentos (CARVALHO e ROCHA, 2016). No entanto, é importante ressaltar que interações medicamentosas entre fitoterápicos e alopáticos podem acarretar reações adversas e, na maioria dos casos, falhas terapêuticas (MAZZARI e PRIETO, 2014).

As entrevistas resultaram em um grande número de citações do uso de plantas medicinais pelos moradores do assentamento Madre Cristina. Dentre as 249 citações, 76 espécies foram identificadas, estando distribuídas em 39 famílias botânicas. As informações acerca das indicações terapêuticas, parte(s) da planta utilizada(s) no tratamento, formas de preparo e uso, modo de obtenção e números de citações de cada espécie estão descritas por ordem de importância, das mais para as menos citadas, na tabela 2.

**Tabela 2.** Plantas medicinais utilizadas no tratamento de enfermidades pelos moradores do Assentamento de reforma agrária Madre Cristina, em Ariquemes/RO

Nome popular e científico	Família botânica	Indicações terapêuticas	Parte utilizada	Modo de preparo e uso	Obtenção	Citações
Copaibeira - <i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Fabaceae	a. Cicatrizante/óleo b. Infecções, malária, gripe	a. Caule (seiva) b. Casca	a. Tópico/oral b. Decocção - oral	Espontânea	13
Boldo - <i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Lamiaceae	a. Diarreia, perda de peso b. Desintoxicação do fígado, desconforto estomacal	a. Folha b. Folha	a. Infusão - oral b. Macerado - oral	Cultivo	12
Ipê roxo - <i>Handroanthus impetiginosus</i> Mattos	Bignoniaceae	a. Depurativo do sangue, sífilis, diabetes, infecções	a. Casca	a. Infusão - oral	Espontânea	10
Quina amarela/Paupra-tudo - <i>Quina glaziovii</i> Engl.	Quinaceae	a. Malária, intoxicação, febre, inflamações da vesícula, infecções no fígado, fortificante	a. Casca	a. Decocção - oral	Espontânea	10
Cipó-mil homem - <i>Aristolochia cymbifera</i> Mart. & Zucc	Aristolochiaceae	a. Reumatismo, malária, febre, epilepsia, hepatite	a. Casca	a. Decocção - oral	Espontânea	9
Alho - <i>Allium sativum</i> L.	Amaryllidaceae	a. Infecção de garganta, gripe	a. Bulbo b. Bulbo	a. Infusão - oral	Comercial	8

Hortelã pequena - <i>Mentha sp.</i>	Lamiaceae	<b>b.</b> Hipertensão arterial, bronquite <b>a.</b> Dores de cabeça, febre, vermífugo, calmante	<b>a.</b> Folha	<b>b.</b> Batido - oral <b>a.</b> Infusão - oral	Cultivo	8
Laranjeira - <i>Citrus sinensis</i> L.	Rutaceae	<b>a.</b> Gripe, febre, diarreia	<b>a.</b> Folha	<b>a.</b> Infusão - oral	Cultivo	8
Poejo - <i>Mentha pulegium</i> L.	Lamiaceae	<b>a.</b> Cólicas, gripe, bronquite	<b>a.</b> Folha	<b>a.</b> Infusão - oral	Cultivo	8
Quebra-pedra - <i>Phyllanthus niruri</i> L.	Phyllanthaceae	<b>a.</b> Cálculo renal, infecções urinárias	<b>a.</b> Planta inteira	<b>a.</b> Infusão - oral	Cultivo	8
Babosa - <i>Aloe vera</i> (L.) Burm. F.	Xanthorrhoeaceae	<b>a.</b> Cicatrizante, hidratante para cabelo, acne <b>b.</b> Depurativo do sangue	<b>a.</b> Folha (mucilagem) <b>b.</b> Folha	<b>a.</b> Cataplasma - tópico <b>b.</b> Decocção - oral	Cultivo	7
Erva-de-bicho - <i>Polygonum persicaria</i> L.	Polygonaceae	<b>a.</b> Cicatrizante, hemorragias	<b>a.</b> Folha	<b>a.</b> Decocção - banho	Espontânea	7
Sabugueiro - <i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltdl.	Adoxaceae	<b>a.</b> Catapora, infecções, febre	<b>a.</b> Folha	<b>a.</b> Infusão - oral	Cultivo	7
Pau-d'algo - <i>Gallesia integrifolia</i> (Spreng.) Harms	Phytolaccaceae	<b>a.</b> Reumatismo, gripe, infecções	<b>a.</b> Casca	<b>a.</b> Infusão - oral	Espontânea	6
Alecrim - <i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Lamiaceae	<b>a.</b> Diurético, dores de cabeça	<b>a.</b> Folha	<b>a.</b> Infusão - oral	Cultivo	5
Erva cidreira - <i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br	Verbenaceae	<b>a.</b> Resfriado, calmante, cólicas, dores de cabeça	<b>a.</b> Folha	<b>a.</b> Infusão - oral	Cultivo	5
Gravioleira - <i>Annona muricata</i> L.	Annonaceae	<b>a.</b> Obesidade, infecções no fígado <b>b.</b> Perda de peso (chá quente) <b>c.</b> Ganho de peso (chá frio)	<b>a.</b> Folha <b>b.</b> Folha <b>c.</b> Folha	<b>a.</b> Infusão - oral <b>b.</b> Infusão - oral <b>c.</b> Infusão - oral	Cultivo	5
Picão - <i>Bidens pilosa</i> L.	Asteraceae	<b>a.</b> Icterícia	<b>a.</b> Folha	<b>a.</b> Infusão - banho	Cultivo	5
Algodoeiro - <i>Gossypium hirsutum</i> L.	Malvaceae	<b>a.</b> Queimaduras e feridas <b>b.</b> Infecção no útero	<b>a.</b> Folha <b>b.</b> Folha	<b>a.</b> Cataplasma/ macerado - tópico <b>b.</b> Decocção - banho	Cultivo	4
Azeitona-preta/ Jamelão - <i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeel	Myrtaceae	<b>a.</b> Diabetes, bronquite, asma	<b>a.</b> Folha	<b>a.</b> Infusão - oral	Cultivo	4
Chapéu-de-couro - <i>Echinodorus grandiflorus</i> Mitch	Alismataceae	<b>a.</b> Depurativo do sangue <b>b.</b> Acne em geral	<b>a.</b> Folha <b>b.</b> Folha	<b>a.</b> Infusão - oral <b>b.</b> Infusão - banho/ Cataplasma - tópico	Espontânea	4



Cordão-de-frade - <i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. BR.	Lamiaceae	a. Dores de cabeça, asma, hemorragia	a. Folha e flor	a. Infusão - oral	Cultivo	4
Figatil - <i>Vernonia condensata</i> Baker	Asteraceae	a. Dores de cabeça, desconforto estomacal,	a. Folha	a. Infusão - oral	Cultivo	4
Melão-de-São-Caetano - <i>Momordica charantia</i> L.	Cucurbitaceae	a. Dores de cabeça, febre b. Cicatrizante, câncer	a. Folha b. Folha	a. Infusão - oral b. Macerado - tópico	Espontânea	4
Alfazema - <i>Lavandula angustifolia</i> L.	Lamiaceae	a. Regulador menstrual, calmante, enxaquecas, asma	a. Flor	a. Infusão - oral	Cultivo	3
Amoreira - <i>Morus alba</i> L.	Moraceae	a. Problemas cardíacos, febre	a. Folha	a. Infusão - oral	Cultivo	3
Babaçu - <i>Attalea speciosa</i> Mart. ex Spreng.	Arecaceae	a. Visão cansada, vista fraca, conjuntivite b. Anemia	a. Fruto b. Fruto	a. Pó - tópico b. Pó - oral	Espontânea	3
Boldo do Chile - <i>Peumus boldus</i> Molina	Monimiaceae	a. Desconforto estomacal, diarreia	a. Folha	a. Infusão - oral	Cultivo	3
Carambola - <i>Averrhoa carambola</i> L.	Oxalidaceae	a. Diabetes, diarreia, auxilia na digestão	a. Casca e folha	a. Infusão - oral	Cultivo	3
Crajiru - <i>Arrabidaea chica</i> (Bonpl.) B. Verl.	Bignoniaceae	a. Infecção de urina	a. Folha	a. Infusão - oral	Cultivo	3
Jatobazeiro - <i>Hymenaea</i> sp.	Fabaceae	a. Fortificante, tuberculose, bronquite, perda de peso	a. Casca	a. Decocção/ pó/ xarope - oral	Espontânea	3
Mastruz/Santa-maria - <i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Amaranthaceae	a. Vermífugo, má circulação	a. Planta inteira	a. Suco - oral	Cultivo	3
Pitangueira - <i>Eugenia uniflora</i> L.	Myrtaceae	a. Hiperglicemia b. Epilepsia, gripe, malária	a. Casca b. Folha	a. Decocção - oral b. Infusão - oral	Cultivo	3
Abacateiro - <i>Persea americana</i> Mill.	Lauraceae	a. Diurético, infecções renais	a. Folha	a. Infusão - oral	Cultivo	2
Açoita cavalo - <i>Luehea divaricata</i> Mart. & Zucc.	Malvaceae	a. Reumatismo, hepatite, osteoporose, tumores	a. Casca e folha	a. Decocção - oral	Espontânea	2
Amargoso - <i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke	Fabaceae	a. Cicatrizante interno e externo, desintoxicação do fígado, malária	a. Folha	a. Macerado - oral/ Cataplasma - tópico	Cultivo	2
Ampicilina - <i>Alternanthera dentata</i> (Moench) Stuehlik	Amaranthaceae	a. Infecções	a. Folha	a. Infusão - oral/ Cataplasma - tópico	Cultivo	2
Anador - <i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Acanthaceae	a. Gripe, febre, náuseas, desconforto estomacal	a. Folha	a. Infusão - oral	Cultivo	2
Breu - <i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand.	Burseraceae	a. Gordura no fígado.	a. Casca	a. Decocção - oral	Espontânea	2

Capim-pé-de-galinha - <i>Eleusine indica</i> (L.) Gaertn	Poaceae	a. Expectorante, anemia, antiabortivo, fraquezas, raquitismo	a. Folha e raiz	a. Infusão - oral	Espontânea	2
Dipirona - Não identificada	Não identificada	a. Dores de cabeça	a. Folha	a. Infusão - oral	Cultivo	2
Gota-do-zeca - Não identificada	Não identificada	a. Desintoxicação do fígado, desconforto estomacal, infecções intestinais, insônia	a. Folha	a. Infusão - oral	Cultivo	2
Hortelã pimenta - <i>Plectranthus</i> <i>amboinicus</i> (Lour) Spreng.	Lamiaceae	a. Expectorante, cólicas, gripe	a. Folha	a. Infusão - oral	Cultivo	2
Jenipapo - <i>Genipa</i> <i>americana</i> L.	Rubiaceae	a. Infecções, malária	a. Casca	a. Decocção - oral	Espontânea	2
Mamoeiro - <i>Carica</i> <i>papaya</i> L.	Caricaceae	a. Desconforto estomacal, vermífugo	a. Folha	a. Infusão - oral	Cultivo	2
Pau-de-cabo-machado - <i>Esenbeckia leiocarpa</i> Engl.	Rutaceae	a. Diabetes	a. Casca	a. Infusão - oral	Espontânea	2
Voltacá/vem-cá-meu- bem - <i>Uncaria</i> <i>tomentosa</i> (Willd. ex Roem. & Schult.) DC.	Rubiaceae	a. Infecções, câncer b. Diabetes, depurativo do sangue	a. Folha b. Casca	a. Infusão - oral b. Decocção - oral	Espontânea	2
Açaizeiro/juçara - <i>Euterpe edulis</i> Mart.	Arecaceae	a. Antiofídico, hepatite b. infecções no fígado, anemia	a. Raiz b. Raiz	a. Decocção - oral b. Xarope - oral	Espontânea	1
Agoniada - <i>Plumeria</i> <i>lancifolia</i> Mul. Arg	Apocynaceae	a. Infecção do baixo ventre, corrimento do útero, cólicas	a. Casca	a. Decocção/ garrafada - oral	Espontânea	1
Amapá - <i>Parahancornia</i> <i>fasciculata</i> (Poir) Benoist	Apocynaceae	a. Tuberculose, dores na coluna; fortificante	a. Caule (seiva)	a. Oral	Espontânea	1
Angelim amargoso - <i>Hymenobium</i> <i>alagoanum</i> Ducke	Fabaceae	a. Desintoxicação do fígado, desconforto estomacal	a. Caule	a. Decocção - oral	Espontânea	1
Assa-peixe - <i>Vernonanthura</i> <i>phosphorica</i> L.	Asteraceae	a. Dores e machucados internos	a. Folha	a. Infusão - oral	Espontânea	1
Batata de surucuim - <i>Casearia sylvestris</i> Sw. <b>Obs. Planta tóxica</b>	Salicaceae	a. Desintoxicação de veneno, antiofídico	a. Folha	a. Infusão - oral	Espontânea	1
Batom de índio - <i>Virola mollissima</i> (A. DC.) Warb.	Myristicaceae	a. Infecções de rins b. Cicatrizante	a. Folha b. Caule (seiva)	a. Infusão - oral b. Tópico	Espontânea	1
Cambará - <i>Lantana</i> <i>camara</i> L. <b>Obs. Planta tóxica</b>	Verbenaceae	a. Gripe, resfriados	a. Folha	a. Infusão - oral	Espontânea	1

Cana-de-açúcar - <i>Saccharum officinarum</i> L.	Poaceae	a. Anemia, fortificante cardíaco, hipertensão arterial	a. Folha	a. Infusão - oral	Cultivo	1
Cefalexina - Não identificada	Não identificada	a. Infecções	a. Folha	a. Infusão - oral	Cultivo	1
Cerejeira - <i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C. Sm.	Fabaceae	a. Dores de cabeça b. Malária, reumatismo	a. Casca b. Casca/ semente	a. Infusão - oral b. Infusão/ garrafada - oral	Espontânea	1
Cipó gemada - <i>Bredemeyera floribunda</i> Willd	Polygalaceae	a. Depurativo do sangue, fortificante, gastrite, úlcera	a. Raiz	a. Batido - oral	Espontânea	1
Coentro - <i>Coriandrum sativum</i> L.	Apiaceae	a. Dores extremas, cólicas, antiofídico	a. Folha	a. Infusão - oral	Cultivo	1
Feijão-guandu - <i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp	Fabaceae	a. Infecções de rins, bexiga e pulmão	a. Folha/ semente	a. Decocção/ infusão - oral	Cultivo	1
Flor-do-Amazonas - <i>Tithonia diversifolia</i> (Hemsl.) A. Gray.	Asteraceae	a. Dengue, malária, má digestão	a. Folha	a. Infusão - oral	Espontânea	1
Fortuna - <i>Kalanchoe pinnata</i> L.	Crassulaceae	a. Infecção do baixo ventre b. Furúnculo	a. Folha a. Folha	a. Infusão - oral b. Cataplasma-tópico	Cultivo	1
Gervão - <i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	Verbenaceae	a. Hepatite, malária	a. Planta inteira	a. Infusão - oral	Cultivo	1
Guiné - <i>Petiveria alliacea</i> L. <b>Obs. Planta tóxica</b>	Phytolaccaceae	a. Inflamações bucais	a. Folha	a. Infusão - gargarejo	Espontânea	1
Inhame chinês pequeno - <i>Colocasia esculenta</i> L.	Araceae	a. Dengue	a. Caule	a. Batido - oral	Cultivo	1
Manjeriço - <i>Ocimum basilicum</i> L.	Lamiaceae	a. Dores de cabeça	a. Folha	a. Infusão - oral	Cultivo	1
Macela - <i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	Asteraceae	a. Dores abdominais, desconforto estomacal	a. Folha	a. Infusão - oral	Cultivo	1
Moringa - <i>Moringa oleifera</i> Lam.	Moringaceae	a. Depressão b. Doenças renais, anemia c. Diabetes	a. Folha b. Folha c. Fruto	a. Pó - oral b. Infusão - oral c. Suco - oral	Espontânea	1
Noz-moscada/Água de colônia - <i>Myristica fragrans</i> Houtt	Myristicaceae	a. Reumatismo, doenças do miocárdio	a. Flor	a. Infusão - oral	Cultivo	1
Pata-de-vaca - <i>Bauhinia variegata</i> Link	Fabaceae	a. Infecções dos rins, depurativo do sangue, diurético, diabetes	a. Folha	a. Infusão - oral	Espontânea	1

Penicilina - <i>Alternanthera brasiliiana</i> (L.) Kuntze	Amaranthaceae	a. Cicatrizante, infecções, diabetes	a. Folha	a. Infusão - oral	Cultivo	1
Salsaparrilha - <i>Smilax tamnoides</i> L.	Smilacaceae	a. Depurativo do sangue, reumatismo, sífilis, hepatite	a. Raiz	a. Infusão - oral	Espontânea	1
Salsinha - <i>Petroselinum crispum</i> (Mill) A. W. Hill.	Apiaceae	a. Infecções internas, cólicas, dores de cabeça	a. Folha	a. Infusão - oral	Cultivo	1
Sangra d'água/Sangue do dragão - <i>Croton urucurana</i> Baill.	Euphorbiaceae	a. Reumatismo, câncer de próstata, infecções b. Feridas crônicas ou agudas, infecções c. Feridas crônicas ou agudas	a. Folha b. Caule (seiva) c. Casca	a. Infusão - oral b. Tópico/oral c. Infusão - banho	Espontânea	1
Sumaúma - <i>Ceiba pentandra</i> (L.) Gaertn	Malvaceae	a. Gastrite, úlcera	a. Casca	a. Macerado/ cataplasma - tópico	Espontânea	1

Fonte. Elaborado pelos autores

As famílias mais representativas em número de espécies citadas neste estudo foram Lamiaceae (08), Fabaceae (07), Asteraceae (05), Malvaceae (03), Amaranthaceae (03) e Verbenaceae (03). A grande representatividade destas famílias é comum em levantamentos etnobotânicos sobre o uso de plantas medicinais em comunidades tradicionais e rurais (TEIXEIRA e MELO, 2006; MOTA e DIAS, 2012; RODRIGUES e ANDRADE, 2014), o que reitera sua importância medicinal.

Apesar da grande diversidade vegetal da região Amazônica, muitas das espécies utilizadas pelos moradores do assentamento são originárias de outras partes do Brasil e até mesmo de outros países, o que também foi evidenciado em outras pesquisas (LIMA e SANTOS, 2006). Dentre as formas de obtenção das plantas mencionadas pelos moradores, destacam-se o cultivo (55%) e a obtenção espontânea na natureza (44%), o que corrobora a teoria de que a principal fonte de obtenção de plantas medicinais é através do cultivo (OLIVEIRA, 2008). Apenas 1% das espécies relatadas são obtidas comercialmente.

Ao todo, foram citadas 72 enfermidades tratadas com auxílio das espécies listadas. Dentre elas, as mais comuns são as do aparelho respiratório, como gripe, resfriado, bronquite, asma e tuberculose; seguidas das infecções em geral, como do baixo ventre, urinárias e intestinais; de doenças relacionadas ao fígado, como hepatite; e de doenças do sangue, como anemia. A predominância de enfermidades relacionadas aos sistemas digestório e urinário nos relatos dos entrevistados pode ser relacionada às condições sanitárias precárias, como a falta de tratamento de água e a ausência de saneamento básico (SOARES, 2006) e, tal como as doenças respiratórias, demonstram ser habitualmente tratadas com plantas medicinais (SANTOS e LIMA, 2008; ALBERTASSE et al., 2010; LIPORACCI e SIMÃO, 2013).

As indicações de uso das espécies medicinais apontadas pelos moradores do assentamento conferem com a maioria descrita na literatura. No entanto, três espécies foram relatadas com aplicações medicinais diferentes daquelas já descritas em outros estudos: cipó gemada (*Bredemeyera floribunda* Willd), jatobazeiro (*Hymenaea* sp.) e moringa (*Moringa oleifera* Lam.), indicadas nesse estudo para o tratamento de gastrite e úlceras; perda de peso; e depressão, respectivamente. O uso das espécies angelim amargoso (*Hymenolobium alagoanum* Ducke), batom de índio (*Viola mollissima* (A. DC.) Warb.), e quina amarela (*Quina glaziovii* Engl.) chama a atenção pela carência de informações na literatura sobre seu uso medicinal. O caule do angelim amargoso, preparado em forma de decocção, foi indicado para tratar as enfermidades relacionadas ao fígado e ao estômago. As folhas e a seiva de batom de índio, preparadas em forma de infusão e em uso tópico, podem ser empregadas para tratar infecções renais e como cicatrizante, respectivamente. A casca (periderme do caule) de quina amarela, preparada em forma de decocção, foi indicada para tratamento de doenças do fígado e da vesícula, malária, febre, intoxicações e, ainda, como fortificante.

Algumas espécies foram indicadas pela comunidade com nomes de medicamentos comerciais como ampicilina (*Alternanthera dentata* (Moench) Stuchlik), anador (*Justicia pectoralis* Jacq.), penicilina (*Alternanthera brasiliana* (L.) Kuntze), cefalexina (espécie não identificada), dipirona (espécie não identificada) e gota-do-zeca (espécie não identificada), que corresponde a um medicamento fitoterápico composto por mistura de plantas medicinais. Segundo Ritter et al. (2002), o emprego desse tipo de identificação na nomenclatura popular das espécies se deve à necessidade de um medicamento natural substituto ao alopático.

O uso de algumas plantas tóxicas, como batata de surucuim (*Casearia sylvestris* Sw.), camará (*Lantana camara* L.) e guiné (*Petiveria alliacea* L.), retrata a necessidade de precaução no uso de plantas medicinais, que muitas vezes podem causar intoxicações graves, agudas ou crônicas (ALMEIDA, 2011), podendo, inclusive, levar ao óbito, como alertado pelos próprios moradores do assentamento. Um exemplo relatado é a batata de surucuim, que só deve ser utilizada na forma de infusão e em casos graves de intoxicação por veneno e picada de cobra.

As folhas e a periderme do caule (tecido de revestimento de órgãos em crescimento secundário, popularmente conhecido como casca) foram as partes das plantas mais citadas pelos entrevistados. Contudo, apesar de serem as partes mais utilizadas na fitoterapia (RODRIGUES e ANDRADE, 2014), o uso dos outros órgãos vegetais (raiz, caule, flor, fruto e semente), e até mesmo de plantas inteiras, também foi mencionado, o que é comumente

observado em estudos da área (AMOROZO, 2002; MOTA e DIAS, 2012; LIPORACCI e SIMÃO, 2013).

O mesmo pode se dizer em relação às formas de preparo relatadas pelos moradores. As mais utilizadas são infusão e decocção (cozimento da parte vegetal em água) (VENDRUSCOLO e MENTZ, 2006), entretanto, outras formas menos comuns, tais como xarope, garrafada, cataplasma (pasta medicamentosa preparada a partir dos órgãos da planta), macerado, pó, batido e suco, também foram citadas.

#### **4 CONCLUSÃO**

O uso de plantas medicinais pelos moradores do Assentamento Madre Cristina deve-se, especialmente, a fatores culturais, econômicos e ao fácil acesso. As principais enfermidades tratadas são relacionadas aos sistemas respiratório, digestório e urinário, além de doenças do sangue. A maioria das plantas utilizadas possui uso medicinal descrito na literatura. No entanto, *Bredemeyera floribunda* Willd. (cipó gemada), *Hymenaea* sp. (jatobazeiro) e *Moringa oleifera* Lam. (moringa) foram indicadas para usos diferentes dos já relatados em outros estudos. Identificou-se, também, o uso medicinal das espécies *Hymenolobium alagoanum* Ducke (angelim amargoso), *Virola mollissima* (A. DC.) Warb. (batim de índio), e *Quina glaziovii* Engl. (quina amarela), ainda não relatado. Tais resultados demonstram a importância da valorização e da preservação do saber popular, além da necessidade de novas pesquisas que possam comprovar as eficácias terapêuticas relatadas.

#### **AGRADECIMENTOS**

Os autores agradecem aos moradores do Assentamento de reforma agrária Madre Cristina pela receptividade e disponibilidade para participar do estudo, e ao colega Irizon da Cunha Santana pela colaboração na realização das entrevistas e na coleta dos materiais botânicos.

#### **REFERÊNCIAS**

ALBERTASSE, P. D.; THOMAZ, L. D.; ANDRADE, M. A. Plantas medicinais e seus usos na comunidade da Barra do Jucu, Vila Velha, ES. **Rev. Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v.12, n.3, p.250-260, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbpm/v12n3/02.pdf>>.



ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução à Etnobotânica**. 2.ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005. 93p.

ALMEIDA, M. Z. **Plantas medicinais**. 3.ed. Salvador: EDUFBA, 2011. 221p. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/xf7vy/pdf/almeida-9788523212162.pdf>>.

ALONSO, R. J. **Tratado de fitofármacos y nutracéuticos**. Buenos Aires: Isis, 1998. 1039p.

AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. **Plantas Mediciniais: Arte e Ciência; um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: UNESP, 1996. p.47-68.

AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Rev. Acta Botanica Brasilica**, São Paulo, v.16, n.2, p.189-203, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/abb/v16n2/a06v16n2.pdf>>.

BANDEIRA, A. S. **Etnoconhecimento da utilização de Plantas Mediciniais nos Municípios Polarizados por Pombal - PB**. 2014, 86p. Dissertação (Mestrado em Sistemas Agroindustriais) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar, Campina Grande.

BOTSARIS, A. S.; MACHADO, P. V. **Introdução à fitoterapia: memento terapêutico fitoterápicos**. Rio de Janeiro: Flora Medicinal, 1999. p.8-11.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA. **O que devemos saber sobre Medicamentos**. Brasília, 2010. 104p. Disponível em: <<http://portal.anvisa.gov.br/documents/33836/2501339/O+que+devemos+saber+sobre+medicamentos/f462f5a1-53b1-4247-9116-a6bcd59cae6c>>.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA. Resolução - RDC nº 17, de 24 de fevereiro de 2000. Registro de medicamentos fitoterápicos. Diário Oficial da União, 24 fev. 2000.

BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução - CNS nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, 30 ago. 2013. Capítulo XIII Item 5, p.14-17.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Superintendência Regional em Rondônia. Portaria nº 70, de 04 de outubro de 2007. Diário Oficial da União, 15 out. 2007. Seção I, p.71.

CAMARGO, M. T. L. A. **Medicina Popular: aspectos metodológicos para pesquisa, garrafada, objeto de pesquisa, componentes medicinais de origem vegetal, animal e mineral.** São Paulo: ALMED, 1985. 130p.

CARNIELLO, M. A. **Estudo etnobotânico nas comunidades de Porto Limão, Porto Alabrado e Campo Alegre, na fronteira Brasil - Bolívia, Mato Grosso, Brasil.** 2007, 214p. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Rio Claro. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/26517378-Estudo-etnobotanico-nas-comunidades-de-porto-limao-porto-alabrado-e-campo-alegre-na-fronteira-brasil-bolivia-mato-grosso-brasil.html>>.

CARRARA JR, E.; MEIRELLES, H. **A Indústria Química e o Desenvolvimento do Brasil: 1500-1889.** São Paulo: Metalivros, 1996. 115p.

CARVALHO, J. I.; ROCHA, M. S. **Interações medicamentosas dos fitoterápicos *Ginkgo biloba*, *Panax ginseng* e *Hypericum perforatum* com medicamentos alopáticos.** Centro de Pós-Graduação Oswaldo Cruz, 2016. Disponível em: <[https://oswaldocruz.br/revista\\_academica/content/pdf/Edicao\\_10\\_Carvalho\\_Jose\\_Ivam.pdf](https://oswaldocruz.br/revista_academica/content/pdf/Edicao_10_Carvalho_Jose_Ivam.pdf)>

CASTRO, E. M.; GAVILANES, M. L. **Morfo-anatomia de Plantas Medicinais.** Lavras: UFL, 2000. 173p.

COSTA, J. C. **Estudo etnobotânico de plantas medicinais em comunidades rurais e urbanas do Seridó Paraibano, Nordeste do Brasil.** 2013, 111p. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Saúde e Tecnologia Rural, Patos - Paraíba.

COSTA, R. A. L. **Uso de plantas medicinais pela população da região norte de Caraguatatuba - SP.** 2015, 56p. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) - Universidade Camilo Castelo Branco, Fernandópolis. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/33567514-Rosangela-augusto-longrova-costa-uso-de-plantas-medicinais-pela-populacao-da-regiao-norte-de-caraguatatuba-sp.html>>.

CRUZ, M. T.; ALVIM, M. N. **Fitoterápicos: Estudos com Plantas para fins Terapêutico e Medicinal.** Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix, 2013.

DI STASI, L. C. **Plantas Medicinais: arte e ciência - um guia de estudo interdisciplinar.** São Paulo: UNESP, 1995. 230p.

FIDALGO, O.; BONONI, V. L. R. **Técnicas de coleta, preservação e herborização de material botânico**. Instituto de Botânica, São Paulo: 1989. 62p.

GONZALEZ, F. G. Plantas Medicinais: Conhecimento Tradicional X Conhecimento Científico. In: III SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS INTEGRADAS DA UNAERP, Campus Guarujá - **ANAIS**, 2006. Disponível em: <<https://www.unaerp.br/sici-unaerp/edicoes-anteriores/2006/secao-5-2/988-plantas-medicinais-conhecimento-tradicional-x-conhecimento-cientifico/file>>.

LEITE, I. A.; MORAIS, A. M.; Ó, K. D. S.; CARNEIRO, R. G.; LEITE, C. A. A Etnobotânica de Plantas Medicinais no Município de São José de Espinharas, Paraíba, Brasil. **Rev. Biodiversidade**, v.14, n.1, p.22-30, 2015. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/39165712-A-etnobotanica-de-plantas-medicinais-no-municipio-de-sao-jose-de-espinharas-paraiba-brasil.html>>.

LIMA, M. R.; SANTOS, M. R. A. Aspectos etnobotânicos da medicina popular no município de Buritis, Rondônia. **Rev. Fitos**, Porto Velho, v.2, n.2, p.36-41, 2006. Disponível em: <[https://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/view/50/pdf\\_40](https://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/view/50/pdf_40)>.

LIPORACCI, H. S. N.; SIMÃO, D. G. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais nos quintais do Bairro Novo Horizonte, Ituiutaba, MG. **Rev. Brasileira de Plantas Medicinais**, Campinas, v.15, n.4, p.529-540, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbpm/v15n4/a09v15n4.pdf>>.

LOPES, M. S.; SOARES, K. R.; RAMBO, J. R.; CHIES, A. Potencialidade de Produção Agroecológica no Assentamento Madre Cristina, Ariquemes - RO. In: VIII CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, 2013, Porto Alegre. **Resumos técnicos**. Porto Alegre: Cadernos de Agroecologia, v.8, n.2, 2013. Disponível em: <<http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/14132/9776>>.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. São Paulo: Instituto Plantarum, 2002.

MACIEL, M. A. M.; PINTO, A. C.; VEIGA JR, V. F. Plantas Medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. **Rev. Química Nova**, Rio de Janeiro, v.25, n.3, p.429-438, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/qn/v25n3/9337.pdf>>.

MAZZARI, A. L. D. A.; PRIETO, J. M. Monitoramento de interações farmacocinéticas entre plantas medicinais e fitoterápicos e os medicamentos convencionais pelo sistema de

farmacovigilância brasileiro. **Rev. Infarma Ciências Farmacêuticas**, v.26, n.3, p.193-198, 2014.

MOTA, R. S.; DIAS, H. M. Quilombolas e recursos florestais medicinais no sul da Bahia, Brasil. **Rev. Interações**, Campo Grande, v.13, n.2, p.151-159, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/inter/v13n2/v13n2a02.pdf>>.

OLIVEIRA, H. B. **Estudo etnofarmacológico de plantas medicinais em Rosário da Limeira - MG**. 2008, 102p. Dissertação (Pós-Graduação em Fitotecnia) - Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais.

PIRES, M. V.; ABREU, P. P.; SOARES, C. S.; SOUZA, B. MARIANO, D.; SILVA, D. C.; ROCHA, E. A. Etnobotânica de terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna, Bahia, Brasil. **Rev. Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v.7, n.1, p.3-8, 2009. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/34380379-Artigo-etnobotanica-de-terreiros-de-candomble-nos-municipios-de-ilheus-e-itabuna-bahia-brasil.html>>.

PRANCE, G. T. **What is ethnobotany today?** *Journal of Ethnopharmacology*, v.32, n.1, 1991. p.209-216.

RITTER, M. R.; SOBIERAJSKI, G. R.; SCHENKEL, E. P.; MENTZ, L. A. Plantas usadas como medicinais no município de Ipê, RS, Brasil. **Rev. Brasileira de Farmacognosia**, v.12, n.2, p.51-62, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbfar/v12n2/a01v12n2.pdf>>.

RODRIGUES, A. P.; ANDRADE, L. H. C. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais utilizadas pela comunidade de Inhamã, Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Rev. Brasileira de Plantas Mediciniais**, Campinas, v.16, n.3, supl. I, p.721-730, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbpm/v16n3s1/12.pdf>>.

SANTOS, M. R. A.; LIMA, M. R.; FERREIRA, M. G. R. Uso de plantas medicinais pela população de Ariquemes, em Rondônia. **Rev. Horticultura Brasileira**, Porto Velho, v.26, n.2, p.244-250, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/hb/v26n2/23.pdf>>.

SANTOS, M. R. A.; LIMA, M. R. Levantamento dos recursos vegetais utilizados como fitoterápicos no município de Cujubim, Rondônia, Brasil. **Rev. Saber Científico**, Porto Velho, v.1, n.1, p.58-74, 2008. Disponível em: <<http://revista.saolucas.edu.br/index.php/resc/article/view/4/ED14>>.

SILVA, B. Q.; HAHN, S. R. Uso de Plantas Medicinais por Indivíduos com Hipertensão Arterial Sistêmica, Diabetes Mellitus ou Dislipidemias. **Rev. Brasileira de Farmácia Hospitalar e Serviços de Saúde**, São Paulo, v.2, n.3, p.36-40, 2011. Disponível em: <<http://plone.ufpb.br/nepfh/contents/documentos/artigos/fitoterapia/uso-de-plantas-medicinais-por-individuos-com-hipertensao-arterial-sistemica-diabetes-mellitus-ou-dislipidemias.pdf>>.

SILVA, M. A.; BARBOSA, J. S.; ALBUQUERQUE, H. N. Levantamento das Plantas Espontâneas e suas Potencialidades Fitoterapêuticas: Um Estudo no Complexo Aluizio Campos - Campina Grande - PB. **Rev. Brasileira de Informações Científicas - RBIC**, v.1, n.1, p.52-66, 2010. Disponível em: <<https://studylibpt.com/doc/3974209/levantamento-das-plantas-espont%C3%A2neas-e-suas>>.

SOARES, D. O “Sonho de Rose”: políticas de saúde pública em assentamentos rurais. **Rev. Saúde e Sociedade**, v.15, n.3, p.57-73, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/sausoc/v15n3/06.pdf>>.

TEIXEIRA, S. A.; MELO, J. I. M. Plantas medicinais utilizadas no município de Jupi, Pernambuco, Brasil. **Rev. Iheringia, Série Botânica**, Porto Alegre, v.61, n.1-2, p.5-11, 2006. Disponível em: <[http://www.fzb.rs.gov.br/upload/20140328134524ih61\\_p5\\_11.pdf](http://www.fzb.rs.gov.br/upload/20140328134524ih61_p5_11.pdf)>.

VENDRUSCOLO, G. S.; MENTZ, L. A. Levantamento etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais por moradores do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Rev. Iheringia, Série Botânica**, Porto Alegre, v.61, n.1-2, p.83-103, 2006. Disponível em: <<http://oaji.net/articles/2015/1747-1426604306.pdf>>.

VICENTE, C. A. **Biodiversidad y plantas medicinales**. Buenos Aires: Cetaar, 1994. 10p.